



A invenção do Rio Grande gaúcho

Jocelito Zalla*

Dezesseis anos antes de Paixão Côrtes falecia seu grande companheiro de projeto cultural, Luiz Carlos Barbosa Lessa (1929-2002). Naquele momento, o sentimento de perda como que se atenuava pelo tamanho de sua obra: ao longo de seus 72 anos, Lessa trabalhou compulsivamente, contando com mais de 60 títulos publicados, entre ficção, historiografia e, inclusive, histórias em quadrinhos. A vasta e diversificada atuação no campo da produção cultural tem como unidade o engajamento na causa do folclore e da cultura popular. A maior parte de seus textos deve ser lida como intervenção nos debates públicos sobre a temática, bastante comuns na segunda metade do século XX.

Nasceu em 1929, na pequena cidade de Piratini. Na década de 1940, chegou a Porto Alegre para estudar no Colégio Júlio de Castilhos. Na época, atuou como repórter na *Revista do Globo*, em que publicou os primeiros textos sobre a vida do gaúcho campeiro. Mas a capital que ele encontrou parecia arredia a essa tradição. Primeiro, pela falta de identificação com a cultura fronteiriça. Segundo, pelo ar cosmopolita adquirido em anos de modernização. Somavam-se a isso a repressão às peculiaridades regionais ocorrida durante o Estado Novo (1937-46) e o contexto do pós-guerra, que desencadeia a chegada em massa de modelos de se vestir, comer e agir orientados pelos birôs de política externa dos EUA. Por fim, os vários ciclos de decadência da economia agrária tradicional desautorizavam o mito do gaúcho

pampiano no mundo letrado, dominado pelo romance urbano nos anos 1930.

Essa atmosfera se mostrou estranha aos olhos de um jovem que trazia consigo imagens de homens de bombachas. O mesmo efeito levou outros rapazes de municípios do interior a se vestir à campeira durante os festejos da Semana da Pátria de 1947 e a desfilar a cavalo pelas ruas da cidade. O líder desse grupo, o recém-falecido João Carlos Paixão Côrtes (1927-2018), se uniria a Lessa no ano seguinte para fundar o “35” Centro de Tradições Gaúchas, primeira entidade cívica do gênero. Em 1950, a dupla ingressou na Comissão Estadual de Folclore e empreendeu uma série de pesquisas pelo interior do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e países platinos, recolhendo versos, músicas e passos de antigas danças. O esforço resultou na elaboração do *Manual de Danças Gaúchas* (1956). Até hoje suas criações coreográficas são executadas nos CTGs e, muitas vezes, confundidas com matéria folclórica anônima.

Já formado em Direito pela UFRGS, Lessa mudou-se, em 1953, para São Paulo, onde passou vinte anos trabalhando como produtor cultural e publicitário, mas sem abandonar os motivos regionalistas. Em 1958, publicou o primeiro livro de contos, *O boi das aspas de ouro*, seguindo e atualizando o modelo literário consagrado por Simões Lopes Neto. No ano seguinte, lançou o romance que lhe renderia o prêmio maior da Academia Brasileira de Letras na categoria, *Os guaxos*. Aqui vale uma comparação com Eric Verissimo. Se o gaúcho representado em *O tempo e o vento* acabou re-

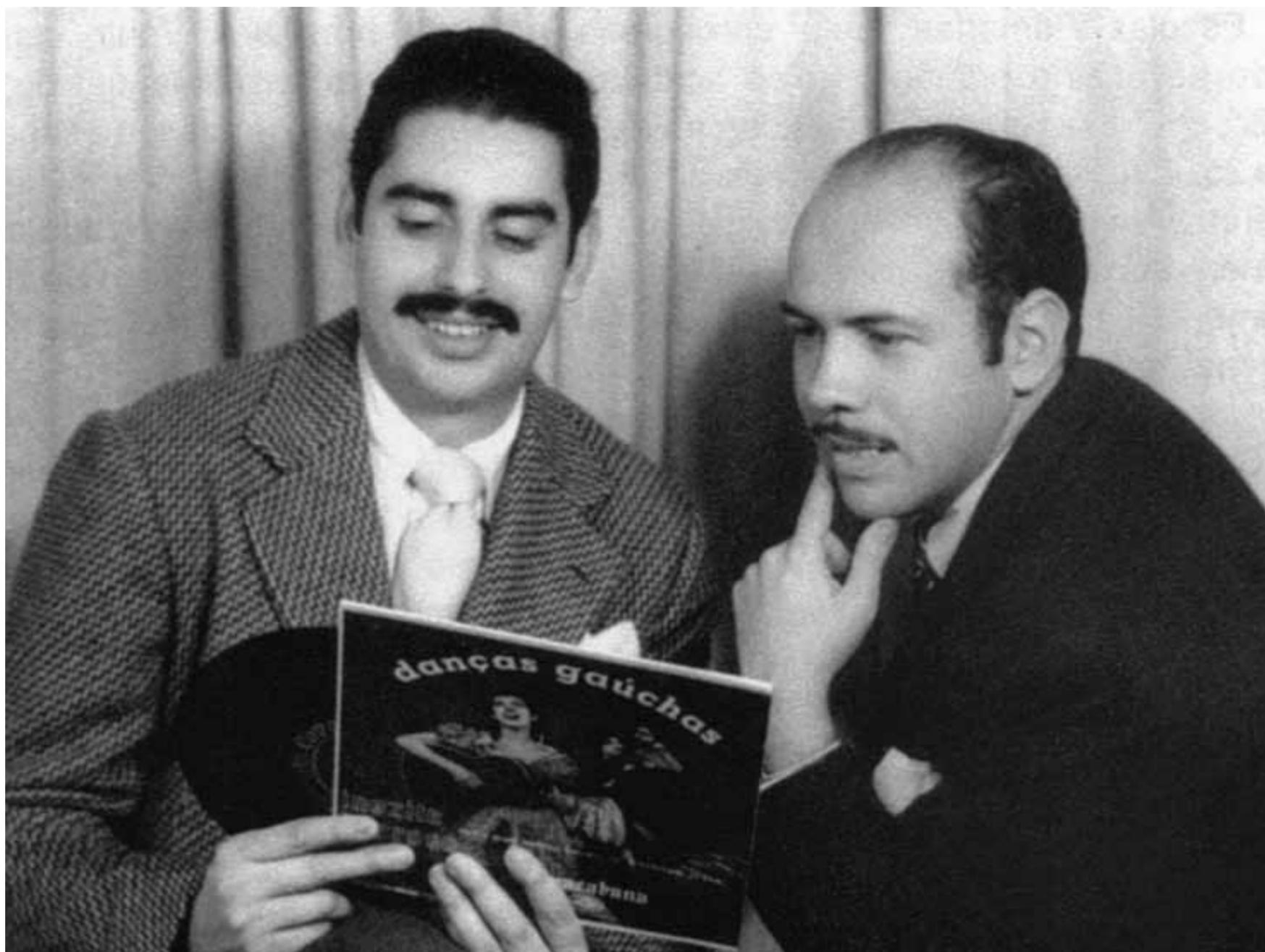
forçando o estereótipo do cavaleiro guerreiro, a intenção de Lessa era justamente oposta: desconstruir um mito que já não fazia mais sentido para a nova realidade social. O projeto intelectual de Barbosa Lessa, no entanto, andava na “contramão” da história, prescrevendo a recuperação da cultura gauchesca como solução ao êxodo rural e ao empobrecimento do trabalhador no campo.

O gauchismo defendido por Barbosa Lessa (e Paixão Côrtes) incorporou a crítica romântica ao progresso e a retórica da perda, defendendo a conservação dos hábitos e costumes considerados periclitantes. Dessa maneira, políticos e intelectuais conservadores acabaram sendo recrutados pelo movimento. Mas, ao contrário do que se pudesse esperar, nosso personagem jamais cedeu aos apelos de tais grupos, assumindo posições polêmicas dentro e fora do tradicionalismo. Não corroborava, por exemplo, o modelo de memória histórica que vinha sendo elaborado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS) desde, pelo menos, a década de 1920. Neste, negava-se a participação indígena e negra na formação étnica da região. Além disso, Lessa defendeu a inclusão das mulheres no movimento tradicionalista e, através de sua literatura, questionou os padrões de gênero que deixavam a elas um papel secundário, como no romance *Os guaxos*: “E os homens todos, na estância, sabem que Tia Velha, a velha escrava, um traste, tem mais força que eles próprios. Tem força porque é mulher. Mexe os cordões do Destino. Só as mulheres têm tal força”.

Agindo no mais puro espírito modernista, inventou tradições gauchescas acrescentando novos elementos, sem medo de mesclar influências estrangeiras ao que considerava patrimônio cultural local. Já de volta ao Rio Grande, nos anos 1980, enfrentou, também pelo texto, as correntes mais reacionárias do Movimento Tradicionalista Gaúcho, que atacavam o nativismo musical (e suas inovações, como o uso de instrumentos eletrônicos e a importação de ritmos de outros países da América Latina). Assim, Barbosa Lessa equiparou a nova vertente à sua própria experiência criativa. Para sustentar o argumento, em livro de 1985, citou pioneiramente a obra de Eric Hobsbawm e Terence Ranger recém-lançada no Brasil, justamente intitulada *A invenção das tradições*.

Gostando ou não dos rumos que o tradicionalismo gaúcho seguiu ao longo dos anos, intelectuais de variados matizes têm aprendido a reconhecer em Barbosa Lessa um criador apaixonado, mas racional, capaz de negar e reconstruir suas criaturas sempre que fosse necessário criticar o imobilismo artístico ou o conservadorismo ideológico. Foi um poeta que nos deixou versos e cantos bonitos e românticos. Mas foi também poeta em sentido amplo, quer dizer, um construtor, que interveio ativa e conscientemente, ainda que por trilhas e caminhos diversos, na elaboração da identidade gaúcha do Rio Grande do Sul.

* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor do Colégio de Aplicação da UFRGS



Barbosa Lessa (esq), ao lado de Paixão Côrtes, observa o primeiro disco de Danças Gaúchas gravado, em 1955, por Inezita Barroso e o Grupo Folclórico Brasileiro